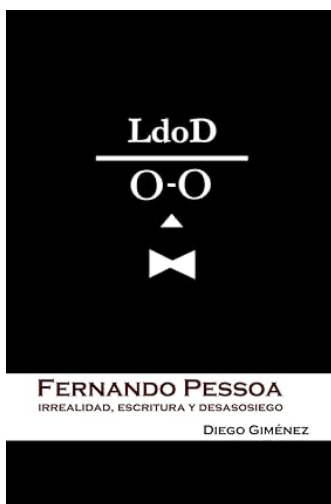


Um estudo que não cessa de não se estudar

[A study that never ceases not to be studied]

Bruno Ministro*

GIMÉNEZ, Diego (2023). *Fernando Pessoa: irrealidad, escritura y desasosiego*. London: SPLASH Editions. Pessoa Studies series, vol. 7. 196 pp. [ISBN: 9781912399390].



“En Fernando Pessoa la escritura no cesa de no escribirse, como consecuencia, no cesa de no editarse, no cesa de no realizarse y no cesa de no nominarse” (19). São estas as quatro teses que Diego Giménez desenvolve em *Fernando Pessoa: irrealidad, escritura y desasosiego*. A dupla negativa das suas teses – ou argumento principal e subargumentos – já indicia a problematização crítica e nunca taxativamente definitiva que apresenta ao longo do estudo. Muito além da tese de doutoramento (Univ. Barcelona, 2014), que serve de base à reescrita deste livro para um público mais amplo, Giménez tem trabalho feito e reconhecido sobre Pessoa e, em particular, sobre o *Livro do Desassossego*. Também por isso, não deixa de ser interessante a breve “nota metodológica” na qual refere que o livro resulta, igualmente, de múltiplas participações em eventos e publicações, acrescentando que isto acontece “[d]e tal manera que los capítulos que componen este libro tienen su fundamento en esta actividad” (30). Ora, com este contributo continuado para o campo dos estudos pessoanos, poderíamos aderir de forma momentânea ao produtivo jogo de Giménez para afirmar que também o seu livro representa *um estudo que não cessa de não se estudar*.

O livro adianta o estado da arte sobre o *Livro do Desassossego* (*LdoD*) sem deixar de funcionar como porta de entrada para quem pela primeira vez dele se aproxima. Giménez oferece-nos uma análise literária, editorial e filosófica, percorrida com grande destreza por contributos metodológicos da crítica textual, entre outras áreas. As implicações das suas reflexões são pragmáticas e concretas, porque se relacionam com problemas específicos do *Livro*, mas têm também implicações mais amplas, na medida em que partem deste para pensar e repensar, por exemplo, uma prática e uma teoria analíticas que se expandem em *feedback* contínuo entre as dimensões materiais e interpretativas. Mostrar-nos que é possível essa conjugação e

* Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

que esta pode alcançar um equilíbrio crítico é porventura o grande contributo teórico-metodológico do livro – o que não é nada pouco.

Em termos mais particulares, merece igual destaque a desenvoltura e precisão das sínteses que o autor nos oferece, por exemplo, do complexo cenário de escrita e edição do *LdoD*. Ajuda a isto o dispositivo crítico elaborado ao longo do livro com constantes sùmulas contrastivas e exemplificações concretas e detalhadas. Em certos casos, trata-se da comparação entre edições, noutros entre testemunhos, fragmentos, teorias, pontos de vista e todos aqueles elementos que o autor traz à discussão à medida que, paulatinamente, desenvolve o seu argumento.

De tudo isto resulta um estudo afinado da escrita, edição e leitura. Uma perspetiva prismática, que nos permite inclusive afirmar que se trata de uma teoria da edição como leitura, mas também da edição como escrita. Por exemplo, para Giménez, “[e]l lector, si no tiene una sensación de ruptura es debido a las ediciones” (108). Por outras palavras, são as edições do *LdoD* que dão uma certa unidade na leitura àquilo que, em última instância, não o tem nem poderia ter na escrita. Invocando várias classificações genológicas que têm sido feitas do *LdoD*, Giménez antepõe, também aqui, a ideia de multiplicidade à de unidade: “si aceptamos que el *Livro* es una novela, también tenemos que aceptar que es un texto suicida, que es un laboratorio de escritura, que es un tratado de las pasiones humanas, que es un ensayo existencialista, etc.” (111).

Vale a pena percorrer de seguida os quatro capítulos do livro para melhor observar as teses que estes enunciam, justificam e interligam.

No primeiro capítulo, Diego Giménez traça uma breve história das diferentes fases de criação e edição do *LdoD*. O mote neste capítulo é o da “escrita que não cessa de não se editar” e, com efeito, são conhecidos os planos atribulados da escrita do livro por Pessoa e seus (semi-)heterónimos, como ainda o são mais os trabalhos sucessivos de edição e reedição pelos especialistas pessoanos. Giménez discute a história do *LdoD* através de todos os elementos que a seu ver constituem o *Livro*: os primeiros fragmentos conhecidos, os indícios do projeto de livro em trocas de correspondência de Pessoa, aquilo que a arca revelou e as listas dos planos de publicação confirmaram, e, por último mas não menos importante, o que as diversas edições trouxeram à luz uma e outra vez.

Partindo deste último aspeto, o segundo capítulo aprofunda a análise da fragmentariedade do *LdoD* com especial ênfase no modo como os vários editores lidaram com esse aspeto crucial da obra. A partir do mote “uma escrita que não cessa de não se escrever”, o raciocínio de Giménez a respeito do fragmento reporta-se quer à problemática de seleção e ordenação na obra entendida no seu conjunto, quer à seleção e ordenação ao nível de cada fragmento. Nas palavras do autor, entre as várias edições do *LdoD* “las diferencias se hallan no sólo en lo macro, es decir la obra, sino también en lo micro, a saber, el fragmento” (76). Para entender o que isto implica, Giménez orienta a sua análise de acordo com quatro categorias que, como refere,

toma de empréstimo de Manuel Portela: “una fragmentación material, una fragmentación textual, una fragmentación con respecto a la obra y una fragmentación estética” (83). Como já havia adiantado na introdução, estas categorias de fragmentação correspondem às seguintes tipologias de fragmentos: “el fragmento como una pieza de papel, el fragmento como una pieza de escritura, el fragmento como una pieza de escritura de un todo y el fragmento como género” (53). A partir deste dispositivo conceptual e das análises que permite, Giménez conclui de forma não dicotómica: “si analizamos por separado los modos de fragmentariedad sería difícil sostener que estamos ante una obra fragmentaria. Pero si nos atenemos al conjunto, resulta claro que negar la importancia de la fragmentariedad en la interpretación de la obra es un equívoco” (96).

Ainda neste capítulo, de um modo que inicialmente poderia parecer desaviesado, Giménez reflete sobre a codificação informática de textos literários de acordo com as práticas no campo das humanidades digitais. É particularmente interessante a este respeito a observação do autor, logo na introdução, quando de algum modo sintetiza as várias facetas dessa “escrita que não cessa de se escrever” a partir justamente dos mecanismos de codificação informática do *LdoD*. São estes os termos de Giménez: “Estos mecanismos llevan a pensar en las diferentes fases de composición del texto en que cabe preguntarse si es el mismo el sujeto que escribe, el sujeto que relee, el sujeto que corrige y el sujeto que publica” (31). Nesta mesma linha, há uma segunda observação que reforça a hipótese apresentada pelo autor de que a codificação e edição digital colocam em evidência algo sobre a escrita, a edição e a leitura do *Livro*. Lemos no final do segundo capítulo: “La edición digital aúna los rostros existentes y facilita las condiciones para que los potenciales rostros acontezcan, ofreciendo una experiencia material de la pluralidad del texto sin cierre y, al mismo tiempo, facilitando la experiencia del *Livro* como potencialidad” (102).

De forma a pensar sobre essa “escrita que não cessa de não se realizar”, o terceiro capítulo recorre inicialmente a Octavio Paz, “que resumió la obra de Pessoa como el tránsito de la irrealidad de su vida a la realidad de sus escritos” (104-105). Sob este ponto de vista, sempre que Giménez se debruça sobre as edições, os testemunhos, os fragmentos, sempre que os compara, relaciona e interpreta, é para os “escritos” que olha – uma escrita que é sempre leitura e reescrita do escrito.

Segundo esta mesma ordem de ideias, como assinala, também “[l]a relación entre pensamiento y poesía en Fernando Pessoa pasa por la escrita” (107). Na perspectiva do autor, “el *Livro do Desassossego* no expone un sistema filosófico, pero que sí puede ser considerado como la expresión estética de una serie de fundamentos filosóficos” (116). Em alguns desses fundamentos Giménez encontra um paralelismo com as teorias idealistas e subjetivistas de George Berkeley sobre a percepção e a representação do mundo. Para Berkeley como para Pessoa, o sensacionismo é absolutamente central na medida em que “la realidad es equiparable a las sensaciones” (122). Distingue-os, no entanto, o facto de Berkeley solucionar o

problema da ordem das sensações, da hierarquia da experiência e do conhecimento da realidade através da figura de Deus como garante de união e coerência do “eu” e do “mundo”, enquanto Pessoa não o pode fazer (130-135). Como sublinha Giménez, o lugar de Pessoa é do lado de uma filosofia da suspeita perante o fim dos grandes relatos e a impossibilidade de completude. Ainda mais interessante, para Giménez, este é um fracasso sem o ser. Segundo o autor, Pessoa resolve a ausência de Deus e o descentramento do sujeito com a escrita: operação estética sobre a realidade por via da intelectualização das sensações, como apontará mais adiante nas conclusões (180). Estas sensações, contudo, lembra aí, “no cesan de no realizarse, por tanto, no llegan al absoluto” (180).

A fechar o livro, e embora este inclua efetivamente uma excelente secção de conclusões (173-185), podemos ver o quarto capítulo como uma espécie de ponto de chegada da reflexão mantida antes, neste caso frente à possibilidade de “uma escrita que não cessa de não se nomear”. Atestam este movimento construtivo do raciocínio as várias remissões a pontos anteriores da reflexão, que o autor vai lembrando e ligando na sustentação de um argumento de ordem progressiva. Quero, não obstante a proliferação destes exemplos no livro, centrar-me apenas num, não só porque é ilustrativo mas também porque é crucial no argumento geral. Ainda no primeiro capítulo, mesmo no seu início, Giménez propõe que “[l]a identidad no parece ser un punto de partida sino un resultado del acto de escribir” (44). Já no quarto capítulo vai declarar que “[l]as identidades no son un punto de partida, sino la manifestación del mismo proceso de construcción que es el que soporta la arquitectura de los nombres” (141). O que isto mostra a partir dos casos de Vicente Guedes e Bernardo Soares é que “Pessoa no parte de una identidad literaria definida, sino que dicha identidad es el resultado del acto de producción” (146). Portanto, “[e]l intervalo que hay entre él y él, es un intervalo de emergencia o de la toma de consciencia que da a cada estilo una identidad diferenciada y en la que los procesos de lectura y reescritura tienen un lugar predominante” (143). E, então, a identidade “es la escritura la que termina por nominar” (148). A identidade é a escrita. A escrita é a leitura. A edição é a escrita e a leitura.

Num cômputo geral, um aspeto menos positivo do livro, de foro editorial, prende-se com o facto de as ilustrações nem sempre serem bem conseguidas. Alguns testemunhos não têm qualidade de leitura. Também os gráficos das páginas 113-114 não cumprem o seu efeito visto que é impossível distinguir as cores que compõem as diferentes frações. Se é de lamentar que assim seja, a verdade é que há uma redundância que acaba por não prejudicar o argumento mesmo nestes momentos: o importante da informação desses testemunhos e gráficos é também descrito (quando não transcrito), analisado e interpretado pelo autor no texto.

Para terminar, gostaria ainda de assinalar um outro contributo do livro, até porque o atravessa e torna operacionais as suas teses. Giménez parte da ideia de que aos editores do *LdoD* lhes é pedido (exigido) que se transformem em coautores do

livro ou mesmo heterónimos (Pizarro *dixit*) para depois propor, arriscando, um movimento inverso: também Fernando Pessoa, mesmo sem terminar o *Livro*, atuou no papel de editor, atendendo ao facto de fazerem parte do processo de escrita-edição os atos de selecionar, ordenar, corrigir, etc. Como refere Giménez a determinado momento: “Un primer proceso en que la subjetividad del escritor queda fijada en forma de cicatriz que señala cómo el proceso de escritura es un proceso de selección” (77). Tudo se mistura, confunde, complexifica entre escrita e leitura e isso acontece através da edição. Claro que a afetação entre papéis de autor e editor só se torna mais visível porque, neste caso, Pessoa não acabou a sua seleção e são os editores quem tem de o fazer à medida das suas possibilidades, interpretando algumas cicatrizes, suturando outras que permaneceram abertas. Não há outra solução, nem vale a pena apelar aos deuses para que, oxalá, fosse de outro modo: “De la misma manera que afirmamos que de vivir Pessoa este hubiese terminado muchos de esos proyectos, podemos afirmar con la misma solvencia y tranquilidad que de haber vivido más hubiese multiplicado los proyectos por terminar” (82).¹

¹ Esta recensão foi escrita no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (<https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

BRUNO MINISTRO é investigador no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Univ. do Porto). É doutorado em Materialidades da Literatura (Univ. de Coimbra). A sua investigação tem sido dedicada às múltiplas intersecções entre os estudos literários, a teoria dos meios e os estudos culturais, com ênfase na intermedialidade e nos estudos comparados dos média. Nestes contextos, tem trabalhado sobretudo com objetos híbridos da poesia experimental, *copy art* e literatura eletrónica. O principal objetivo da sua investigação tem sido gerar um entendimento abrangente e interdisciplinar do modo como as formas literárias se ligam a aspetos materiais e tecnológicas dos meios em que se inscrevem.

BRUNO MINISTRO is a researcher at the Institute for Comparative Literature (University of Porto). He holds a Ph.D. in Materialities of Literature (University of Coimbra). His research has been dedicated to the multiple intersections between literary studies, media theory, and cultural studies, with an emphasis on intermediality and comparative media studies. In these contexts, he has primarily worked with hybrid objects of experimental poetry, copy art, and electronic literature. The main objective of his research has been to develop a comprehensive and interdisciplinary understanding of how literary forms engage with the material and technological aspects of the media in which they are inscribed.